

ETNOGRAFIA DOS DEMBOS (1)

POR

DAVID J. G. MAGNO

Capitão

PALAVRAS PRÉVIAS

A Antropologia, a história natural do homem, relativamente aos tempos primitivos da era humana, continuará envolta em muitas dúvidas.

A intuição e a hipótese hão-de, a cada momento, suprir o que os documentos não possam mostrar.

Entre os recursos de que temos de lançar mão, figura o estudo dos habitantes e costumes dos povos selvagens, representantes de eras transactas.

Para aproveitamento de tais recursos, abriu-se em Angola em 1911-1912, um questionário etnográfico ao qual gostosamente me apressei a responder por compreender quanto com isso lucravam a história e administração da colónia, dois assuntos que até hoje tem sido crimosamente descurados. E apressei-me a ponto de ser eu o primeiro que cumpri, apesar de neurastenizado pelos excessos de serviços militares e de investigação a que de motu próprio me dediquei.

(1) Sessão científica de 25 de Julho de 1919.

Pode vêr-se, antes de 1911-1912, na colecção de relatórios de 1910, uma descrição de costumes, do Comando Militar da região do Lombige (Dembos Orientais), da qual sou o autor e o governo geral de Angola o editor.

Por uma circunstância que julgo excepcionalmente feliz para a interessantíssima região dos Dembos, foram para ali, depois de mim, dois funcionários ilustrados, dois verdadeiros obreiros da civilização, que ao estudo teem sacrificado as suas horas vagas, sem prejuizo dos sacerdócios de que, cada um, é ornamento: o primeiro que para ali foi é o rev. missionário, Padre António de Miranda Magalhães; o segundo, que no mesmo sertão demorou com aquele, é o sr. major António Leite de Magalhães. Ambos são hoje nossos consócios dos mais entusiastas, e a benemérita e patriótica Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, deles tem razão para muito esperar.

São portanto estes senhores também os primeiros que vão verificar e profundar com a sua superior competência os meus trabalhos, e o sr. major Magalhães, aqui presente, me distinguirá com a sua discussão; êle mesmo me apresenta nêste tabernáculo da ciência, onde eu ousei vir mais como um inferior hierarquico, habituado a obedecer, do que iludindo-me ácerca do merecimento do modesto trabalho que segue.

I

Caracteres etnográficos gerais

— Origem dos povos designados por Dembos

— Situação geográfica — População

Quando Diogo Cam, em procura do caminho da Índia, desembarcou no porto de Pinda, próximo da foz do Zaire, estabeleceu imediatamente relações com o respectivo chefe gentílico, o príncipe do Songo, Sioh ou de Muene-Sonho, tio do Muene-Congo, o rei ou o senhor do grande império que no século XV existia no Continente Negro.

Era êste um poderoso potentado que dominava directamente ou por suzerania desde o Loango até ao Cabo Negro pelo litoral (compreendendo a N. E. o reino do Mikoko, de Anzico ou Anzicana), se estendia ao Muene-Muezi, no Uniamezi, descendente de Luqueni ou Nimia-Luqueni, povos que tendo vindo parece que do Oriente, investiram com os povos do batchnu ou dos téchnús, avassalando os seus grupos dispersos, fundando êste Estado do Congo.

Êste potentado, ao título de rei do Congo veio a reunir o de senhor da Monarquia dos Ambundos, da Mutamba ou Matamba (Ginga), de Angola, Macamba, Ocanga, Lula, Bamba, Ambuila, Zenza, Libolo, Nane e Quissama, título êste que abrange a região dos Dembos.

Na *Geografia* de Reclus vem um mapa antiquíssimo, posterior a 1558, provavelmente de 1591, que indica as posições relativas dos diferentes povos que formavam esse Estado, a saber: De Norte para Sul, ao longo do litoral: país dos Ambus-Bramas, reino de

Loango, Loangiri, reino de Cacongo, Cabinda, reino de Angoy, rio Zaire (ou Barbeta), condado do Sonho, marquizado de Chiova, rio Ambriz, ducado de Bamba, rio Loge, rio Danda e rio Bengo ou Zenza (confins de Angola).

Este império compreendia mais países, como descrevo na *Revista Militar* de 1916-1917, nos *Anais de Angola e Congo*, e entre eles mais para Leste e de N. para S. o reino de Anzica (rei Micôco): rio Bancaró (o Zaire), marquizado de Canga, rio Coango, *dembo Amulasse (principado independente), terras do Mane Ambuila, senhor dos Dembi, rios Loge e Danda, sendo estas as origens dos Dembos como as mais remotas que encontrei.*

Este mapa a que me reporto projecta muita luz retrospectiva e convém não lhe aporuguesar os nomes citados, para ficar a descoberto a evolução fonética da palavra, que tantas vezes ainda está sujeita a alterações devido a ser confusamente manuscrita e ás letras tipográficas que são facilmente trocadas.

Parece não haver dúvidas ⁽¹⁾ de que os povos do Congo e de Angola, incluindo os Dembos, pertencem todos ao tipo *bantu* que, juntamente com o tipo *chilouk*, foram os primeiros invasores *aditas*, de raça negra, que, segundo os monogenistas, do planalto da Pérsia — do alto massiço asiático — desceram, muitos séculos antes da nossa era, à Arábia, donde uns, contornando o Mediterrâneo, atingiram o Nilo, pelo istmo do Suez, descendo por êle até à região elevada onde nasce o Nilo Branco e o Nilo Azul; e outros, seguindo o vale do Eufrates e a costa do golfo Pérsico, alcançaram primeiro esta mesma região, atravessando o Mar Vermelho no estreito de Bab-el-Mondeb. Os que entraram nela pelo N., vindo em parte, seleccionados, constituindo já um refugio social, que deixava atrás os melhores elementos, encontrando-a

(1) V. *Relatório do gov. de Lunda*, A. A. Teixeira, 1909.

já ocupada por uma raça melhor organizada, dão origem ao tipo *chilouk* que se difunde, para N. e O., na região das florestas e das pastagens pobres do Nilo Branco, e na região onde se cultiva o sórgo. Os que penetraram por S. E., na região montanhosa do E. de África, sofrem aqui a selecção e, repudiando para o S. os contingentes inferiores, originaram o tipo *bantu*, cuja área de colonização abrange toda a região ocidental ao S. do Zaire — hoje a região da mandioca, por nós, portugueses, introduzida em África — e as planícies da África Meridional.

Este movimento emigratório dos que penetraram por S. E. é mais rápido, provocando lutas, pois que uns terceiros invasores, mestiços, de raça branca e negra — os segundos *aditas* — provenientes da Arábia, mais fortes e melhor organizados que os seus antecessores *bantus*, alcançaram com facilidade os planaltos etiópicos, ocupados hoje, pelos seus descendentes: os abissínios, os galas e os massai.

Ao passo que o centro e o sul do continente africano eram invadidos por êstes povos de raça negra, as regiões dos desertos do Norte eram ocupadas pelos de raça branca, tipo semita, como são as tribus patriarcais de pastores cavaleiros, cameleiros e vaqueiros que ali existem.

Aqueles invasores de raça nigrítica, expulsaram do seu território, segundo algumas opiniões, os autóctones, representados hoje por *bushmen* ou bochemans e hotentotes, segundo outros de raça amarela ⁽¹⁾, rechassando-os para os desertos de Kalahari e pelos *ba-cassequeres*, pelos *ba-kankalas*, pelos *ba-kuisse*, e talvez pelos *achas* do equador, todos de pequena estatura, vivendo fragmentados e nómadas, e dedicados à caça de que, juntamente com raízes e frutos das árvores silvestres, se alimentam.

Os primeiros ocupadores da região seriam os Ba-Congo

(1) PREVILLE — *Les Sociétés Africaines*.

desta referida família Bantu (diz-se dos idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos) conduzidos pelos Aluqueni, provenientes da África Oriental, de N. E. para S. O., havendo afinidades entre a sua língua e a de Zanzibar.

As tribus do Norte fazem parte dos Ba-Fiot, assim como os povos que vivem entre o Congo e o Chiloango, dando-se à região que as compreende o nome genérico de Congo, cujo Estado fundaram.

Os Mu-Sorongos são irmãos daqueles que vivem ao N. do Zaire, mas os Mu-Chicongos, Ba-Congo, Bamiba, Muyolo e outros povos de raça *fote* que sucedem ao sul do Baixo-Congo até à bacia do M'Brich estão ligados áqueles apenas por uma fictícia vassalagem ao rei do Congo.

Dos rios Loge ao Caculovar, próximamente estende-se o domínio glossológico dos Bunda (Bundo, Bondo), que já teve quem dissesse significar «vencedores» derivado das invasões sucessivas da raça e das vitórias sôbre os aborígenes.

Bundo; A-Bundo, Bim-Bundo, Kim-Bundo, Hem-Bundo ou Am-Bundo, é representado pela família dos Ba-Nano ou Nanno, habitantes das regiões montanhosas ao Sul do Quanza.

Em 1558, foi o Congo invadido por uma terrível horda de nómadas e antropófagos, vinda de léste, onde habitavam os Mane-Muji, Muene-Muezi (no Unia-mezi?), invasão que principiando pela provincia de Batta, se estendeu até ao centro de Angola, tomando os invasores o nome de Jácas (jaggas, de Djagga) no Congo, e de Gingas (jingas ou jindes) em Angola, destruindo Ambasse, Banza Congo e S. Salvador, incluindo a cathedral, e devastando tudo, comendo inclusivè os cadáveres das sepulturas, vendo-se D. Alvaro II, rei do Congo, forçado a passar com o clero português e a principal nobreza do país a uma ilha do Zaire, onde já tinhamos então um forte.

O gentio da região actualmente denominada Dembos (compreendendo uma infinidade de povos, como publiquei na referida *Revista Militar*, mais ou menos separados uns dos outros por uma mesclada de raças e de sub-raças), fala o *kimbundo*, com a entoação regional e muitas palavras *fiótes*, além de um grande número de nomes congolenses, como Muêne, Loango, Zombo, Banza, etc.; e apesar de ser êste gentio talvez o que se encontra mais estudado em Angola, a região é de natureza a prestar-se a descrições e discussões sem fim.

Devido à dita mescla de tribus e de famílias, que constituem os povos dos Dembos, êste meu estudo referindo-se a todos superficialmente, vai incidir especialmente sôbre os *kakulos*.

*

* *

Designam-se *dembos* os povos antigamente subordinados, como se viu, ao rei do Congo, que habitam a vasta e acidentada região denominada então Dembi e hoje Dembos (do gentílico *jindembus*, plural de *n'dembus*, que significa potentado ou sóba grande), compreendida entre os rios Dando (ao N.), Bengo ou Zenza (ao S.) e o Lombiji (afluente dêste) ao oriente.

Há ainda dembos importantes ao N. do Dande reunidos hoje numa capitania denominada Dembos do Norte.

A banza capital dos Dembos (do sul ou de entre o Dande e o Zenza como ficou dito) é a de S. António (vulgarizado no Congo), centro das terras de Caculo Cahenda.

A significação deste nome *kakulo*—aquele dos gémeos que nasce primeiro—, *-ka* (prefixo concordante) e *henda* (o segundo gémeo do amor), induz-nos a crêr tenha sido algum filho primogénito ou predilecto dos antigos reis do Congo, gozando por êste motivo de maior preponderância e prestígio do que os restantes chefes gentílicos.

Os povos de Caculo Cahenda são conhecidos por *kakulos*, relativamente à tribo, e por *ácu-molumbis* (filhos do Congo) relativamente à terra.

Os potentados desta região, incluindo o Caculo Cahenda, consideram-se, em geral, irmãos e súbditos do antigo rei do Congo, primeiro filho de Deus, mas outros há que êste Caculo repudia considerando-os filhos da Rainha Ginga, filho segundo de Deus.

Á volta das terras do Caculo Cahenda, sob o seu domínio moral, viviam até há pouco os povos *kibaxes*, naturais de Qui-baxe-Qui-á-Mubemba-Congo; os *kazuas*, que obedecem hoje ao dembo Cazuangongo; os *luangos* ou *mubiris*, notáveis pela sua velhacaria e intrugice, os quais povoam os dembados de Zambi Aluquem e de N'Bumba (antigos sóbas do Caculo Cahenda), Pango Aluquem (antigo sóba do N'Gombe Amuquiama), do Gimbo Aluquem (antigo sóba do Cazuangongo), etc., e os povos *mahungos*, gente de índole pacífica, também antigamente vassala do Congo, mas com usos e costumes diferentes dos outros povos dos Dembos e que portanto merece muito estudo em separado, assim como as grandes famílias do Norte, *ambuilas* e *mutemos*.

A constituição física dos povos que designámos sob o nome de *dembos* e que, para não haver confusão com os seus chefes e com o nome da região, se deveriam denominar *dembenses* ou *dembêzes*, varia de uns para os outros.

Os *kibaxes* e os *kazuas* são mais robustos do que os *kakulos* e *mubiris* ou *luangos*, que são raquíticos e pouco resistentes, devido isto não só à fome que sofre uma raça que não trabalha como às relações sexuais a que se entregam cedo.

São em geral covardes e pouco coléricos; pedinchões e pouco dedicados; reservados e pouco gratos.

O seu carácter insubmisso e relativamente grosseiro através

de uma extensa história provém-lhe, muito, a meu vêr, da altivez ou da liberdade da vida em montanhas.

Os dembos tem-nos respondido quasi sempre com êsse nosso aforismo transmontano: «Para cá do Marão, governam os que cá estão!»

*
* *
*

A côr da pele é preta nos que habitam ao norte da região (*kibaxes*, etc.), e parte bronzeada nos do sul (*kakulos* e *luangos* ou *mubiris*). A pele é, nêstes, menos escura nas partes menos expostas ao ar e ao sol.

Entre estes povos há alguns casos de albinismo.

Os cabelos são encarapinhados e pretos, e os olhos ovais, de iris normal e côr acastanhada.

É vulgarissimo as mulheres terem os seios muito alongados (a maior parte cônicos e alguns em forma de cabaça), e as nádegas com acumulação de gordura, que se mantém relativamente com o emagrecimento.

A população diminui a olhos vistos, devido, principalmente: à prática de feitiçarias, que exercem em larga escala; ao alcoolismo; à doença do sôno, que muito se propaga entre êles, por contágio de sangue, apesar da *tzé-tzé* existir apenas nas margens dos rios e da maioria do gentio habitar nos pontos elevados; e finalmente à fome, porque não cultivam suficientemente para se alimentarem, sendo por fim capazes de trocar por meia duzia de garrafas de aguardente o feijão e o milho necessários para a sua alimentação de todo o ano. O seu trabalho maior é... a dança.

Vida material e intelectual

- Cuidados dados ao corpo — Vestuário — Alimentação
 — Habitação — Meios de existência
 — Artes, sciências e faculdades intellectuais

Em consequência das habitações se acharem, em geral, localisadas nos pontos mais elevados, longe dos rios e dos regatos, e como o transporte de água das nascentes é um tanto difícil, estes povos não teem por hábito tomar banho. Todavia lavam-se quando, em viagem com cargas, passam por qualquer rio.

Não se dedicam à natação, porque os rios, além de distantes, são frequentados pelo jacaré.

Pintam o corpo com tacúla e azeite de palma, com o fim de amaciarem a pele e de se resguardarem um tanto da sarna. Muitas vezes, por divertimento e para verem se lhe passam dores de cabeça, riscam o rosto com barro amassado.

Pouco cuidado lhes merece a higiene da bôca. Não lavam nem tratam dos dentes, apresentando-os escuros e cariados, em contraste com os costumes da maioria dos negros de Loanda que ostentam a dentadura branca e forte.

Os dembos teem ainda por costume cortar os dentes da frente com uma faca e limá-los, tornando-os aguçados. Os povos de Caculo Cahenda distinguem-se dos restantes por usarem dois dentes incisivos da maxila superior limados até à raiz.

Usam as orelhas furadas, trazendo, introduzidas nelas, os homens umas argolas de ferro, e as mulheres travessões de madeira.

Os *Luangos* ou *Mubiris* usam também o nariz furado trazendo na divisória das fôssas nasais um travessão de madeira mais pequeno do que o das orelhas.

A maioria das mulheres tosquam as partes genitais por espírito de limpeza e por um tanto de pudor.

Não teem tipo de penteado, vendo-se indiferentemente homens e mulheres com a cabeça rapada à navalha ou com o cabelo crescido e empastado com azeite de palma.

As raparigas novas usam um risco aberto ao meio, da testa para a nuca, e um cordel à volta da cabeça, pendurando na nuca um raminho de verdura, lembrando um mangerico. Os rapazes, uns trazem o cabelo rapado, outros com desenhos diversos muito rudimentares. Cortam o cabelo rapando-o com uma faca ou um vidro.

Algumas mulheres usam o cabelo formando cordas ou tranças, empastadas de azeite, que só se distinguem de perto, porque as não trazem pendentes.

Não cuidam das unhas, trazendo-as cheias de lixo tão antigo como a sua idade.

Existe a tatuagem, mas só entre as raparigas novas, que a praticam por meio de incisão ou golpes feitos sem arte, no peito, nos hombros e braços.

*

* *

O vestuário dos dembos e dos sobas seus subordinados consiste num grande manto geralmente de côr vermelha e preta, alguns feitos de *couvre-pieds*, tendo o tecido leões e leopardos desenhados. Além do manto usam camisa, colête, casaco ou alguma velha farda, e uma saia tecida de fibras. A do Caculo Cahenda era bordada a ouro. Na cabeça uma boina também de fibra. Usam botas que descalçam longe da vista dos europeus.

Os dembos de Caculo Cahenda e do Pango Aluquem, nas suas recepções, aparecem cobertos por uma umbela escarlate. Os sobas usam guarda-sol ou chapéu de chuva.

Os restantes indivíduos, não categorizados, usam a cabeça descoberta e um pano (tanga) que os cobre da cinta ao joelho. Alguns usam também um colête ou mais um casaco.

As mulheres andam tanto mais nuas quanto mais vistosa é a sua plástica, com excepção de algumas, velhas ou magras, que andam nuas por miséria.

As mulheres, quando andam nas suas lavras, costumam pôr de lado um paninho ou cortina, do tamanho de uma mão, com que cobrem as partes genitais, e bem assim um outro, maior, com que cobrem as nádegas. Algumas usam ainda uma cortina sobre os peitos, não com o fim de os tapar, mas por garridice ou para os fazer sobresaír, principalmente quando vistas de perfil, tanto que outras há que trazem essa cortina tapando só um peito, geralmente o direito.

Às vezes, por causa do frio ou para que os europeus não as reparem, envolvem-se num pano muito azeitado e carregado de tácula, pano êste que usam quasi sempre as mulheres idosas.

Aos homens é proibido usar calças, não lhes sendo permitido usar barrête ou chapéu em presença dos sobas ou macotas, nem atravessar as terras de potentados extranhos com a cabeça coberta.

Os filhos do dembo Caculo Cahenda vestem-se às vezes à europeia.

Êstes povos adornam o corpo com fiadas de missanga no pescoço, nos braços, nas pernas e tornozêlos, conforme as poses, além do já dito adorno dos pausinhos atravessados nas orelhas e nariz. Quando não teem missanga (contas de vidro ou metal amarelo) usam cordeis, que atam nos braços, logo abaixo

dos sovacos, e nas pernas, por baixo dos joelhos, obrigando os membros, com o tempo, a ficarem com umas certas curvas.

As raparigas usam nos braços, pulsos, abaixo dos joelhos e acima dos tornozêlos, braceletes, pulseiras e anilhas de missanga, de fibras vegetais ou mesmo de metal. Também usam aneis. Algumas usam na cabeça um cordão encarnado, na disposição de quem toma medida a um chapéu. Em volta do tronco, passando sobre os seios, e em volta da cintura, usam também contas de metal enfiadas em cordões.

Alguns homens usam ainda, acima do tornozêlo, fiadas sucessivas de contas de latão, às vezes, formando franja.

*

* * .

Vivem, em geral, do que espontaneamente lhes oferece a Natureza, como a seiva de palmeira, dendem, fôlhas e frutos silvestres, feijão e milho, que as mulheres cultivam em pequena quantidade, e de caça. Alguns comem carne de porco, de chibato e de galinha, apreciando mesmo a carne de javali,

Matam também bois e comem a sua carne, mesmo que o animal tenha morrido de doença, chegando a desenterrar e a comer carne putrefacta. Para tornarem a carne fresca, mais tenra, colocam-na entre fôlhas de mamoeiro (papaia).

Na preparação das comidas, empregam como tempêros o azeite de palma, a pimenta, jindungo (piri-piri) e tomates.

Apreciam a kola como fortificante e estimulante e, possuindo café espontâneo, vendem-no e não o utilizam por falta de açúcar.

Gostam de todas as comidas dos europeus, especialmente do pão, peixe, sal, açúcar, e de bebidas alcoólicas (aguardente, vinho e tudo o mais).

Os utensílios de uma cosinha compõem-se de duas ou três

pedras com que arranjam o fogão, algumas panelas de barro e um pau para mexer.

Arranjam o lume juntando a um pequeno seixo uns filamentos secos de palmeira (isca) e ferindo a pedra com um pedaço de ferro.

Fazem três refeições: uma, ao romper da manhã, composta de mandioca e milho assado; outra, às 11 horas, pouco mais ou menos, de feijão e esparregado de folhas de várias plantas silvestres; e outra, às 16 horas, aproximadamente, de farinha de milho, que é a principal de todas, visto coincidir geralmente com o termo dos trabalhos.

Os alimentos são preparados exclusivamente pelas mulheres, que não comem juntamente com os homens, salvo se estes não teem filhos ou outros homens que lhes façam companhia às refeições. Em regra, os pais comem juntamente com os filhos e as mães com as filhas.

Bebem a seiva da palmeira (maluvo), muito procurada como alimento e refrigerante, acabando por se embriagarem com ela.

Para a obterem, cortam a palmeira e recolhem a seiva numa vasilha (cabaça ou garrafão); outros trepam à árvore por meio de duas cordas separadas, que vão mudando alternadamente e os segura pelo próprio pêso, e furam a planta.

Não consta serem antropófagos. Atribuem sómente esta qualidade aos povos rebeldes, por espírito de os desacreditarem.

Não há geofagia propriamente dita, embora haja jovens que entretenham o estômago comendo terra, por um hábito de crianças, em que, abandonadas pelo chão, levam à boca tudo que principalmente lhes dóce as gengivas. Os adultos reprovam tal prática, que reconhecem como nociva à saúde.

Apenas conservam a farinha, o feijão e o milho em sacos tecidos com folhas de bananeira (*salálas*) ou em envólucros de esteira.

São as mulheres que habitualmente vão ao mato buscar frutas e lenha. Por vezes os maridos seguem-nas de perto com uma espingarda, mas mesmo que estes não as acompanhem, é raro o indígena intrometer-se com as mulheres que lhe não pertençam.

Os alimentos vegetais mais procurados são a banana, uma raiz semelhante à mandioca, o milho, abóbora silvestre, kola, pepino silvestre, mamão e outros.

As mulheres e homens idosos fumam e cheiram o tabaco moído, trazendo sempre o lábio superior com este pó, parecendo um bigode desenhado. Fumam também por cachimbos mirobolantes (chifres de boi com depósitos de água) uma planta conhecida por *liamba* ou *riamba*, vegetal conhecido na Europa por cânhamo, que contém princípios narcóticos.

A habitação tipo é a cubata, com uma área de seis metros quadrados, dividida em dois compartimentos: quarto de entrada que serve ao mesmo tempo de cozinha e quarto de dormir. Cada quarto tem as dimensões de 1,5 x 1,5 a 2 metros. Passa-se de um para outro por uma porta interior. De noite, principalmente no tempo da cacimba, conservam o lume acêso no quarto de dormir.

A altura da cubata pouco excede a de um homem, e em quasi todas só se pode entrar curvando a cabeça. A cobertura é em regra de duas águas e de côlmo, e revestida do mesmo material ou barrada. A sua construção, simples, não revelando arte nem estilo, faz-se enterrando paus, varas ou estacas, segundo a forma rectangular e dimensões que se pretendem. Ao meio das faces laterais, que são as mais estreitas, colocam forquilhas para receber a pequena trave em que se hão de apoiar os paus transversais que formam a cobertura. Feito o esqueleto, amarram-no com cordas de fibras vegetais, por todos os lados, às ripas, distanciadas um decímetro umas das outras. Forram-nas finalmente de côlmo, cosendo este ao esqueleto por meio de uma agulha de

madeira, em que se enfia a fibra de certo arbusto ou agave. As cubatas teem uma única entrada e às vezes uma janela. Quando são barradas, preenchem os espaços da taipa com pedras e argamassa, dando uma forma mais ou menos lisa.

As suas habitações são pequenas, não só porque não teem mobília mas ainda porque do contrário seriam mais frias e fáceis de avariar pelo temporal. Nas lavras costumam construir cubatas mais ligeiras.

A maior parte desta gente não tem celeiros. Quando os tem, o que é raro, ou ficam os sacos empilhados em qualquer canto da cubata em que habitam ou na choupana das lavras.

O local das povoações é, como já dissemos, nos pontos de maior altitude, onde são mais defensáveis e saudáveis. Não obedecem a orientação alguma. Uma passagem central e cubatas para os lados, ao acaso, de modo que não se estorvem uns aos outros. É muito irregular o número de cubatas de uma sanzala, que pode contar vinte, cem ou duzentas. Nas ruas principais ou em volta da povoação costumam plantar cactos, o que lhes dá um aspecto selvagem, funéreo.

Cada cubata representa uma mulher. Cada duas podem representar um homem, duas mulheres, um rapaz e uma rapariga, menores.

Em guerra uns com os outros, estes povos refugiam-se no cerrado do mato e, inclusive o Cazuangongo, nas cavernas rochosas das suas florestas.

Como mobília, não possuem mais do que um banquinho e uma esteira que serve de cama. É raro haver quem use um leito, de varas, erguido 0^m,30 acima do solo. Estas camas são tão estreitas que o casal apenas cabe deitado de lado, ficando a mulher para o lado da parede, com as costas para o marido.

Ultimamente o dembo Caculo Cahenda tinha na sua residência seis cadeiras grandes de couro, duas austríacas e outra grande

de madeira, um sofá, uma mesa, uma cama de madeira e vários outros objectos, tais como malas de ferro. Os sobas costumam ter uma ou mais cadeiras feitas por eles próprios.

Não usam outra luz além do clarão do lume da cosinha ou da fogueira que os aquece. No entanto, em certas sanzalas onde abunda o azeite de palma, improvisam uma espécie de candeia, servindo-se de uma lata de conserva onde ageitam um bico para a torcida.

A residência dos dembos chama-se *embala*, que é uma cubata vulgar com mais uns quintais à volta e contiguamente uma espécie de arena, com 50 metros de diâmetro, onde os potentados costumam dar as suas recepções e festas. A arena é defesa ao povo e às crianças. Algumas cubatas teem pela retaguarda um cercado ou curral destinado aos animais domésticos, que para não entrarem nas habitações e sujá-las mais, trazem um pau atravessado que obsta à entrada.

Como vias de comunicação teem apenas carreiros ou trilhos, às vezes tão cerrados de capim e arvoredos que o trânsito tem de ser feito de machéte (catana) em púnho.

A travessia dos rios Zenza, Lombige e Dande faz-se em muitos pontos a vau, e noutros em canôas (*dongos*).

*

* *

Entregam-se à agricultura de que se ocupam exclusivamente as mulheres, sendo insignificante o auxílio que os homens lhes prestam, apenas o de vigiar as lavras, afim de evitar a sua destruição pelos animais daninhos. As alfaias agrícolas empregadas são a machadinha e a catana (machéte) que adquirem no mercado. Cultivam a mandioca, o feijão, o milho e o tabaco, tratando cada família da sua lavra.

Vão à caça os homens e os rapazes, individualmente ou por grupos de três ou quatro, acompanhados de cães.

Para caça grossa combinam-se uns com os outros, mas não a procuram. Esperam-na, com espingardas muito ordinárias, carregadas de zagalotes.

Alguns povos, além destas armas, usam umas rêdes ou armadilhas para caçar, e bem assim usam uma faca que trazem do lado direito da cintura, numa bainha de couro, tudo adquirido no comércio. Caçam javalis (quiombo), côrças, cabras do mato (bambi), pacassa, boi bravo, seixas, buijes ou paca (espécie de leitão), porco espinho (quissaca), macacos, lobos e diversas aves, tais como bamba, dimbe (que rapina os pintainhos), banje (que rapina galinhas, leitões e cabritos), cabunguloguto, etc.

Quando regressam da caça apresentam-nã ao respectivo sóba, o qual tira a sua parte e autorisa que dividam o restante entre os caçadores.

Os povos banhados pelo rio Dande entreteem-se algo a pescar, ao anzol.

Dedicam-se à criação de porcos, cabras e galinhas. O gado bovino é muito raro, porque nos dembados de Caculo Cahenda, Zambi Aluquem, N'Gombe Amuquiama, Cazuangongo e outros, há uma planta que nasce entre o capim (cassaçau), que dizima não só os bois como os solípedes. Esta planta, tocando no corpo do transeunte, irrita a pele e provoca feridas.

Não há alfaiates de profissão. Alguns casacos e colêtes que usam são adquiridos no comércio e os panos, cuja confecção nenhum feitiço exige, são alinhavados por êles próprios, sendo exclusivamente os homens que se entregam a êsse trabalho leve.

Há mulheres que se dedicam à indústria de cesteiro, fazendo quindas de palha, e os homens à de olaria, fabricando painéis de barro.

Em quási todas as povoações há forjas mais ou menos sim-

ples. Em Caculo Cahenda concertam catanas, metendo-as ao fogo e batendo-as com o martelo.

No Pango Aluquem e Zambi Aluquem fabricam enxadas e outros instrumentos simples, de ferros velhos ou comprados no comércio.

Não usam a moagem para reduzir o milho a farinha. Empregam o esmagamento pelo pilão, trabalho a que se entregam as mulheres e raparigas.

Em madeira, fabricam canôas, cavando troncos de árvores, gamelas e colheres.

Não fabricam cordas. Quando precisam de ligar qualquer coisa ou compram no mercado, o que é raro, ou recorrem à casca de um arbusto ou mesmo a qualquer trepadeira.

Não preparam peles de animais, senão as de onça de que os sobas e macotas fazem uma espécie de aventais, e as de cabra para fazerem o instrumento do batuque.

Tingem os panos de seu uso com barro e especialmente com tacula, que moem e amassam. Para os tingirem de preto torram a argila numa panela, de mistura com fôlhas de *munze*.

Não se dedicam à extração de minérios. No entanto, em volta das terras do Cazuangongo, no Gimbo Aluquem, onde abunda o ferro em bruto, o gentio apanha-o para fabricar zagalotes e enxadas.

Os homens transportam cargas aos ombros e algumas vezes à cabeça. Para grandes distâncias servem-se de *muambas*, que improvisam facilmente com um pau e uma rêde.

As mulheres levam os fardos às costas, em *quindas* cónicas, suspendendo-os numa faixa que lhes passa pela testa.

Não há torneios de luta.

Tem várias danças: a vulgar denominada *batuque*; a de regosijo, pouco mais ou menos a mesma coisa que a precedente, mas feita de dia, com maior entusiasmo e concorrência; a de

honra, que se realiza quando é proclamado o dembo; e a dança de guerra, em que tomam parte os sobas e os dembos, simulando combates com feras, acompanhada de batuque e de exclamações alusivas.

Tem divertimentos que correspondem ao carnaval, e em que os dembos e macotas que neles tomam parte se desfiguram por meio de umas máscaras de madeira. Chamam a esta festa, que anualmente se realiza, *mutendo*.

O canto destes povos, em geral ao som do grande batuque (*gôma*) assemelha-se a uma ladainha, em que um canta e os outros respondem em cântico. Tem por tema assuntos fúnebres e sarcásticos.

Como instrumentos de música tem o tambor, o bombo, o puita—uma lata velha—canas fendidas, ferrinhos, cornetins e uma espécie de clarinete feito por eles, cujos sons equivalem aos das gaitas de fole.

Para convocar o povo, usam uns uma corneta e outros uma busina.

Jogam quasi exclusivamente o *quela*, passatempo muito semelhante ao das « damas » e que consiste em mudar umas pedrinhas de uma cova para outra.

*

* *

Os povos desta tribo costumam contar o tempo pela lua nova, chamando ao período entre duas luas novas *bége*, que corresponde a um mês. O ano é contado pela cacimba, pela chuva, pela estiagem, etc.

Ao período entre duas chuvas ou duas sementeiras chamam *muvo* (ano).

Não conhecem os dias da semana, nem a numeração dos dias do mês. Os secretários (*macotas*), quando precisam saber

isso, regulam-se pelas bandeiras dos fortes, que são hasteadas aos domingos, e quanto ao número de dias, alguns secretários tem uma taboleta de madeira com doze carreiras (meses) cada uma com trinta furos (dias); um ponteiro de madeira, que muda diariamente, indica-lhes o número do dia do mês mas por este calendário mecânico enganam-se a cada passo.

São inúmeros os medicamentos usados pelos quibandas, quasi todos vegetais. Praticam tambem pequena cirurgia, amputando e encanando pernas ou braços fracturados. Há curandeiros que empregam uma série de pantominices para curarem o mal dos feitiços, havendo indivíduos especiais conhecidos por *chinguiladores*, que se encarregam de adivinhar a origem de certas doenças e de afugentar os feitiços por meio de rezas, vários antídotos, sortilégios e amuletos. Quando não curam um doente, atribuem a causa a um incidente qualquer fácil de acreditar.

As doenças mais frequentes são: a hipnose, tuberculose, pneumonia, sarna, diversas úlceras, elefantíase e as causadas por algum acidente.

Os feiticeiros ou bruxos, isto é, os causadores dos males doutrem com os seus maus olhos, com as suas invejas ou com alguma droga que dão a tomar, são intimados a « beber o juramento ».

O juramento consiste em fazer beber ao presumido feiticeiro uma caneca de água, na qual se lança um bocado de casca de uma determinada planta, conhecida dos quibandas, contendo princípios venenosos. Os efeitos que esta beberagem produz no organismo dum indivíduo variam segundo a dose de princípios activos que estão em dissolução na água e, naturalmente, segundo a sugestão e a fraqueza do estômago do ajuramentado (suposto delinquente), e daí as conclusões que tiram. Assim, aqueles que depois de beberem essa droga não mostrarem sintoma algum de envenenamento e nada sofrerem, são considerados inocentes;

aqueles a quem sobrevenha a intoxicação, mas de que não resulte a morte, são tomados por cúmplices; e, finalmente, aqueles que tem morte instantânea, ou passado algum tempo, são considerados como feiticeiros.

Os macotas encarregados destes julgamentos, quando se querem ver livres de certos indivíduos que os incomodam, tratam de carregar na dose de substâncias tóxicas a diluir na água, chegando às vezes a envenenar os próprios sobas ou dembos, quando estes não tenham simpatia.

Além da prova do juramento, que descobre se um indivíduo é ou não feiticeiro, os chinguiladores, a que já nos referimos, também possuem o condão de o descobrir.

Há feiticeiros que conhecem os contra-venenos, de modo que, quando « bebem o juramento », ingerem acto contínuo esses contra-venenos, de que andam munidos, e coisa alguma sofrem, passando assim por inocentes.

Falecendo algum indivíduo que tenha sido submetido à prova de juramento, quer seja homem, quer mulher, a família abandona-o imediatamente e a sua habitação é incendiada. O cadáver, depois de muito maltratado com cacetadas e catanadas, é levado de rastos pela povoação e lançado às feras. Ao arrastarem-no com uma corda, tomam todo o cuidado em não o tocarem, a fim de não ficarem enfeitizados.

Êstes povos crêem no poder sobrenatural de certas coisas, havendo rapazes que recorrem ao *kibanda* para que êste lhes dê um remédio ou perfume que atraia a rapariga que êles desejam possuir.

A língua falada é o *kimbundu*, misturado com o *fiote* (língua do Congo). Os povos « luangos » teem algumas palavras e pronúnciação diferentes, mas, no entanto as diferenças de linguagem não são de tal modo sensíveis que os povos visinhos não os compreendam.

III

Organisação da família e religião: O nascimento

—A educação—O casamento—A morte

—A família—Religião, rito, culto, divindades e sacerdócio

O parto tem lugar á porta da cubata, ou mesmo em público. Para êsse fim, a parturiente senta-se numa pedra e é amparada por uma mulher. O recém-nascido (ainda com a péle branca) é untado de tábula e azeite de palma. Logo no dia seguinte ao parto as mulheres voltam ao trabalho.

No caso de abôrto, nada há de extraordinário.

Os nomes dos recém-nascidos são escolhidos pela família. Ao primeiro filho costumam dar o nome do avô e ao segundo o do pai. São mais desejados rapazes do que raparigas, causando-lhes tristeza quando teem gémeos.

As relações entre os cônjuges cessam sómente nos últimos dias da gravidez.

Os casamentos realizam-se em uma idade muito juvenil. Aos doze anos cada rapaz tem a sua rapariga, e, à proporção que se vão tornando mais homens, maior número de mulheres vão adquirindo, chegando a possuir cada homem mais de cinco mulheres.

Os dembos teem tantas quantas desejam.

Quando o homem se aborrece duma mulher, despede-a; mas, quando ela arranja outro homem, êste tem por obrigação indemnizar o primeiro, pagando o *lambamento*.

As mães teem por costume recomendar às filhas o maior sigilo nos primeiros três períodos de menstruação, a fim de não perderem a sorte de terem filhos.

Os rapazes quando chegam á idade de doze anos, são obrigados a ser circuncidados pelos *kimbandas*, operação que é feita no mato, num recinto apropriado, quando termina a época das chuvas.

Os pedidos de casamento são feitos á família, reunindo-se para êsse fim em conselho os seus membros, sendo a opinião dos tios a mais respeitada e acatada.

A liberdade das raparigas não é limitada porque a família não se preocupa com a perda da virgindade, o que acontece freqüentemente mesmo antes de atingirem idade da puberdade.

O sentimento do amor quási não existe, bem como o celibato e a continência.

São proibidas as relações com primos e outros parentes mais próximos, sendo consideradas crime grave, sómente para o homem, as relações com a irmã ou com a mãe.

A mulher não é incriminada pelo incesto.

Não existe a prostituição propriamente dita, nem o amor livre. À mulher, sob o ponto de vista moral, não a preocupa o entregar-se a qualquer homem. O que sómente a coíbe é um respeito natural que tem pelo marido, entendendo que unicamente pertence áquele que pagou o *lambamento*. É naturalíssimo entre êles a mulher entregar-se a um homem e depois confessar ao marido a sua falta, que ela julga resgatada com a multa ou castigo que aquele paga ou sofre.

Aquele que se mete com as mulheres do macota, soba ou dembo, sofre grandes penas, sendo destas a mais grave o ser vendido como escravo.

Os contratos do casamento são feitos da maneira seguinte: o rapaz que pretende uma rapariga oferece-lhe imediatamente a quantia de seis centavos. Se ela gosta do rapaz, aceita-os e vai entregá-los ao pai, que por sua vez lhos devolve.

O homem, porém, pode contratar o casamento indepen-

dentemente da vontade da mulher, e é o que em geral acontece.

Se a noiva morre antes da união, o pai restitue a quantia ou os objectos recebidos como paga, penhor ou presente de noivado («lambamento»). Se morre depois, o pai tem por obrigação dar ao homem uma outra filha, e, caso não a tenha, restitue o *lambamento*.

Êste *lambamento* é por assim dizer a garantia de que uma mulher será fornecida ao homem. A êste é permitido escolher a mulher. Ela também pode escolher o marido, mas, se antes disso alguém a contratar directamente com os pais, a mulher tem que se entregar seja a que homem fôr, novo ou velho, feio, formoso ou aleijado. Quem o determina é o *lambamento* recebido, que tem o valor de uma escritura.

A virgindade da mulher não é exigida, mas é estimada. As próprias mulheres a tomam em consideração. O homem que encontra a sua mulher virgem presenteia a mãe desta com duas peças de pano riscado, por ter guardado a filha.

A união entre os dois sexos não se desfaz, a não ser quando os cônjuges não se entendem um com o outro e o marido, já aborrecido da mulher, resolve entregá-la aos pais.

Se um homem violar uma mulher virgem, é obrigado a pagar aos pais dela duas peças de pano riscado ou a quantia de um escudo e sessenta centavos, ficando assim liquidado o assunto.

O casamento é um perfeito acto mercantil. O homem compra a mulher, quer esta queira ou não.

Uma mulher pode custar doze a sessenta escudos, conforme a sua aparência e plástica, mas, para evitarem êstes altos preços contratam-na geralmente quando criança, sendo a taxa estabelecida de seis escudos, quantia de que o homem vai paulatinamente reembolsando os pais, em prestações de quipacas (cada quipaca vale um centavo) e macutas (cada macuta vale três centavos),

de modo que ela, quando chega à puberdade, está paga pelo comprador, que se desforra do que por ela deu fazendo-a trabalhar para êle andar à boa vida.

Em geral, as crianças de 5 para 10 anos de idade, as mais robustas e bonitas, já tem noivo.

Não usam o casamento por troca; entre alguns povos é costume haver o de ensaio, em que o casamento se consolida só depois do nascimento dum filho, passando neste caso a mulher a viver definitivamente em casa do marido.

Se, por acaso, a mulher dá à luz uma criança cujo pai não é o marido, dúvida alguma tem ela de confessar o delicto ao marido, que por este motivo não a expulsa de casa, nem a castiga. É devido a este facto, talvez, que estes povos ajuizadamente consideram os tios maternos com mais autoridade que os próprios pais.

O homem escolhe as mulheres ou na própria sanzala ou na vizinha, esteja ou não subordinada ao mesmo soba ou dembo; porém não é permitida a união dos povos pertencentes aos dembados de Caculo-Cahenda, Ngombe-Amuquiama e Quiabaxe-Quiamubemba com os povos Mahungos, Luangos ou Mubiris e os do dembado de Mbula-Atumba, isto é, não é permitida a união com tribus de raça diferente nem com inimigas.

Não há cerimónias especiais de casamento, nem festejos; apenas a sogra, em sinal de reconhecimento, costuma oferecer ao genro, depois deste ter pago o *lambamento*, um porco e um saco de *fuba* (farinha).

O crime de adultério é resgatado da seguinte forma: se o adultério fôr surpreendido pelo marido ou se a mulher lhe fizer a queixa, o adúltero paga ao marido: pela primeira vez, a quantia de seis centavos; pela segunda, uma jarda de riscado, equivalente a dez centavos; pela terceira, vinte; pela quarta, trinta; e depois uma cabra ou um porco; e assim sucessivamente, vai subindo o

pagamento. Caso se suscitem questões entre o marido e o seu rival, é o respectivo soba que intervem e resolve o assunto.

O homem que se mete com a mulher dum macota, é preso e acorrentado até que a família o resgate por um porco e dez peças de fazenda, sem o que é vendido como escravo. Se se mete com a mulher dum dembo, confiscam-lhe todos os bens e entregam-no ao Govêrno, para ser degredado.

Quando o ofendido mata um adúltero, comete um crime punível como qualquer homicídio voluntário.

A mulher, depois de casada e de haver tido um filho, passa a fazer parte da família do marido, não perdendo contudo direito à herança que porventura possa receber dos seus pais, da mesma forma que seus irmãos solteiros.

A mulher não pode ser emprestada nem trocada, mas pode ser vendida, caso tenha cometido algum crime grave.

No caso de dissolução do casamento, os filhos acompanham o pai e as filhas ficam com a mãe, e o produto das lavras, caso as possuam, é igualmente dividido entre a mulher e o seu antigo marido.

Os avós e os pais teem obrigação de educar os seus netos e filhos, tendo estes o dever de os respeitar e de lhes obedecer, e bem assim sustentá-los, como aos seus irmãos mais velhos, no caso de doença.

Na falta de pais ou avós, são os irmãos mais velhos que os substituem em tudo.

As pessoas que entram na constituição de uma família são os avós, pais e filhos. Os filhos casados constituem sempre novo lar, desde que tenham um filho. Quando haja filhos de várias mulheres, os da primeira são mais favorecidos.

Os filhos estimam seus pais, e quando os encontram fóra de casa, dão-lhes os bons dias e as boas tardes, pegando-lhes na

mão e tocando-a na testa. Igual cerimonia praticam quando encontram os tios.

O dembo é considerado pai de todos, e quando se pergunta a um indígena de que terra é, responde: sou *filho* do dembo de tal parte. Quando pertença ao dembado de Caculo Cahenda, é então com grande orgulho que responde ser filho desse dembo, visto esse ser então considerado o maior de todos os dembos.

Êstes povos, quando falam ao dembo, ajoelham diante dele, havendo alguns que, para se mostrarem mais respeitosos, se curvam até tocar com o queixo no chão, batendo em seguida as palmas. O dembo faz uns pequenos géstos com a mão, como quem abençoa, e, quando fala, todos se descobrem.

O indígena, desde o mais chegado ao dembo até o mais afastado em categoria, compraz-se em mostrar o seu respeito pelo dembo, especialmente perante os estranhos, não pronunciando a palavra «dembo», sem primeiro se descobrir e tomar uma atitude respeitosa.

Na embala do dembo, quando este dá alguma recepção, colocam uma cadeira para se sentar, e, enquanto êle não ocupa o seu logar, os macotas, ao passarem em frente da cadeira, ajoelham e curvam-se como se ela representasse uma divindade.

Qualquer homem do povo ou mesmo os macotas, para cumprimentarem um dembo, ajoelham-se e fazem com a mão direita um risco na terra e com a esquerda um outro, de maneira que os dois riscos formem uma cruz; seguidamente fazem os mesmos gestos em cruz por detrás do pescôço, o que quer dizer que o dembo é senhor de lhes mandar cortar a cabeça. Se o dembo lhes estender a mão, levam-na imediatamente ao nariz e cheiram-na com ruído.

*
* *
*

Quando um doente está moribundo, todos os membros da familia se reúnem à volta dele e começam a chorar logo que o mesmo acaba de expirar. Não é costume haver nesta ocasião práticas religiosas, danças ou cantos, nem costumam ser chamados os quimbandas ou feiticeiros.

Os parentes e amigos do morto anunciam o falecimento, quer seja de dia quer seja de noite, com tiros de espingarda.

Vestem ao morto um traje semelhante ao que usam em vida, mas um pouco mais decente e rico. Às vezes, e especialmente nas terras do Zambi Aluquem, dá-se o curioso caso de um indígena, que em vida nunca usou nem sequer conheceu uma camisa e muito menos ceroulas, depois de morto ser vestido com êsses objetos de vestuário, oferecidos pelos parentes e amigos, que costumam também oferecer à familia do falecido um cabrito, um porco, vinho de palmeira, etc. Alguns, antes de vestirem o morto, untam-no com azeite de palma e tingem-no com tácula.

O cadáver fica em exposição durante três dias, em casa, sendo depois transportado numa tipoia, convenientemente coberto, até ao local onde deve ser encerrado, e acompanhado de todas as pessoas de familia e parentes, que colocam sôbre a sepultura objectos de missanga, manilhas e quindas (cestos), se o falecido era do sexo feminino; barretes, pratos, garrafas, copos, etc., se era do sexo masculino,

Quando se trata de um soba ou macota, em cima da sepultura colocam bastões, cadeiras e vários outros objectos que não sejam muito vulgares entre êles, a fim de mostrar que o morto possuiu em vida todos aqueles objectos.

Para evitarem que as almas dos falecidos os façam morrer de fome dentro de pouco tempo, costumam colocar também várias comidas e bebidas, imaginando que as almas se servem dessas ofertas, embora as encontrem sempre intactas quando vão substituí-las por outras.

A família do falecido não se alimenta durante os três dias que vão do óbito ao enterramento. Como sinal de luto, pintam o rosto com azeite de palma e dendem carbonizado. As mulheres, além desta pintura, usam um pano cobrindo-lhes a cabeça e absteem-se de ter relações sexuais durante quatro meses.

O luto é de seis a oito meses pelos pais, marido ou mulher; quatro meses pelos irmãos e filhos maiores; três pelos menores e dois pelos de peito.

Em Caculo Cahenda, quando morre algum soba ou dembo, no dia do funeral, o cadáver é transportado de casa para a embala, onde fica em exposição, envolto em panos e estendido numa tipoiá. Seguidamente os macotas dançam em volta do cadáver e levam-no depois procissionalmente pela povoação, com acompanhamento do batuque, a que chamam *gica*, e que consiste em manejos de espada, simulando cortar cabeças uns aos outros. Nestas ocasiões, o dembo, se foi um soba ou grande macota que morreu, também costuma dançar ao som da música, não em público, mas à porta da sua residência, junto da embala, envolvido no seu vistoso manto. À frente do cortejo caminham os macotas e os sobas, com as faces pintadas de preto, com uma touca feita de pano preto na cabeça e trajando as suas capas berrantes. Acompanham o cortejo só até ao término da povoação.

Os cemitérios ficam juntos das povoações, à beira dos caminhos, e as sepulturas são cavadas, primeiro em profundidade e depois para os lados. São as próprias pessoas de família do falecido que fazem as covas que hão-de servir de sepulturas. O pai é quem marca o local e quem principia a fazê-la; na falta dêle, é

a mãe quem o substitúe, sendo os pais os primeiros a deitar terra no coval.

No dembado de Quibaxe, as mulheres costumam despedir-se dos seus maridos lambendo-lhes o nariz e os dedos dos pés.

No dembado de Ngombe Amuquiama os dembos são enterados num local onde antigamente existia uma igreja.

Em alguns dembados é costume, quando morre um dos conjuges, o outro fechar-se no quarto com o cadáver e unir os seus órgãos sexuais aos do morto. Crêem que, se assim não procederem, o conjuge sobrevivente terá a mesma doença de que o outro veio a falecer.

Êstes povos guardam o culto dos antepassados, a fim de que as suas almas não lhes venham fazer mal.

Acreditam nos espíritos ou nas almas do outro mundo, a que chamam *matambola* (as que andam de noite a gritar) e *zumbi*, entendendo que elas pairam no espaço, não longe da terra.

Respeitam-nas e temem-nas muito, porque, se lhes é fácil desfazerem-se de um feiticeiro, envenenando-o; outro tanto não podem fazer a um espírito, a quem sacrificam um boi ou o que preciso fôr se o *chinguilador* disser que uma determinada alma quer comer e que, de contrário, ela lhes fará mal. Matam, neste caso, não só o boi como outros animais que forem indicados pelo *chinguilador*, arranjando uma refeição em que toma parte muita gente, associando-se a ela também... a referida alma.

Quando um cão ou um gato andam acometidos duma doença qualquer, julgam que êsses animais estão incarnados dum espírito maligno, mas nem por isso os veneram ou tratam de os curar, antes os abandonam e dizem: «Teem feitiço não teem remédio, esperemos que morram para serem enterrados».

Crêem na vida futura. Julgam que as almas dos que em vida foram maus sofrem noutra mundo, onde podem regenerar-se e tornar a morrer para acabarem com os sofrimentos.

Não há proibição de comer certos alimentos nem de tocar em determinados objectos ou de proferir quaisquer palavras, a não ser de tocar nos feiticeiros.

Não conservam a recordação de factos históricos, salvo a dalgum com êles sucedido, e perdem a noção do tempo. O dembo Caculo Cahenda possuiu até 1913 algumas cartas patentes desde o século XVII guardadas numa mala de ferro.

Os *quimbandas* costumam invocar, quando assim lhes solicitam, o espírito *zumbi*, que, passados alguns minutos, comparece no local onde foi chamado, de modo que depois não é o *quimbanda* propriamente quem fala, mas sim o espírito, pela bôca do *medium*, que é o *chinguilador*.

*

* *

Êstes povos crêem na existência dum ser sobrenatural, numa entidade inteiramente desconhecida para êles, que tudo pode e tudo manda, a que chamam Deus e a quem atribuem todas as fatalidades e desgraças que lhes advem, salvo aquelas que lhes parecem provir dos espíritos malignos e dos feiticeiros.

Supõe-se que os dembos reconhecem dois deuses, o do bem e o do mal, sendo êste último o que dá poder aos feiticeiros e é mais temido.

Não adoram objecto algum. Algumas vezes vê-se um ou outro indígena com um crucifixo, mas não o usam como símbolo duma religião, mas como adôrno.

Não existe o culto dos fenómenos físicos nem das forças da natureza; apenas temem o raio, recorrendo, por ocasião das grandes trovoadas, aos «quimbandeiros», afim dêstes receitarem um remédio que os resguarde das faíscas eléctricas.

Êstes povos retráem-se algumas vezes em fazer mal aos seus

semelhantes, em virtude da crença que entre êles existe de que aquele que fôr mau não só a sua alma sofrerá noutro mundo, mas ainda nêste, se a alma dos mortos que em vida foram atingidos pelas suas maldades resolverem intrrometer-se com êles.

Além disso, êstes povos teem remorsos dos males que praticam, e, quando êstes são graves, o remorso fá-los emagrecer de tal modo que chegam algumas vezes a morrer.

A noção do pudor parece existir nos povos desta tribu. Assim é que, uma mulher que geralmente anda inteiramente nua, não se envergonhando de mostrar todo o corpo e algumas vezes até o que naturalmente está oculto, quando passa a viver em companhia dum homem civilizado, que lhe dá uns panos, não mais se torna a apresentar nua como dantes, e envergonha-se mesmo em ter a descoberto os seios, um bocado da perna ou os braços.

Não teem a noção da caridade. O que teem por hábito dividir entre todos, é com o fim de receberem igualmente, quando os outros tiverem.

Organização social: Classes e castas

— Organização política — Propriedade — Regime económico
— Costumagens jurídicas

Há três espécies de classes nos povos desta tribo: os macotas, que são os conselheiros dos sobas e dos dembos, o povo, e os escravos (*muléques*).

São eleitos macotas os indivíduos já idosos, e os mais respeitáveis e ricos, perdendo imediatamente esta distinção no momento em que cometam algum delito grave.

Os escravos são aqueles que foram raptados ou dados em pagamento para uma terra diferente. Andam livres e não fogem porque se conformam com a sua situação.

Os dembos e sobas praticam desenfreadamente a escravatura, vendendo ou trocando, sob o mais fútil pretexto, indivíduos do seu dembado para outro.

Mesmo em S. António de Caculo Cahenda, junto do forte, se faz comércio de escravos, mas muito clandestinamente, porque sabem ser isso proibido pelas leis portuguesas.

O escravo nunca pode libertar-se; tem por obrigação trabalhar gratuitamente para o seu senhor, para o qual representa uma determinada quantia ou objecto, que pode ser, por exemplo, um boi.

Uma mulher pode ser vendida com os filhos e estes podem ser, por sua vez, vendidos isoladamente.

Os escravos ou *muléques*, nome porque geralmente são

conhecidos, vivem em cubatas separadas e comem também separadamente.

Antigamente, estes povos estavam subordinados a seis dembos; hoje há um grande número dêles, não com a mesma autoridade que os primeiros possuíram, mas como simples figuras decorativas.

O dembo é considerado um ídolo. Os macotas, que a cada passo arranjam uma questão com êle, por causa de meio decilitro de aguardente mal distribuido, em presença de estranhos mostram-se muito obedientes, ajoelham-se diante dêle ou mesmo ao passarem pela sua cadeira, e descobrem-se ao pronunciar o seu nome. Os macotas teem o poder de aposentar o dembo, quando êste não agrada. Às vezes enfeitiçam-no. O dembo aposentado continúa a gosar duma certa consideração, mas perde toda a autoridade, sendo apenas consultado em casos graves. O dembo é a bôca que fala perante os estrangeiros e perante os sobas. O seu governo determina e êle sanciona, tendo também o direito de veto.

Para a eleição do dembo são ouvidos os macotas e os sobas.

Ao dembo é vedado sair da sua residência, sendo-lhe permitido apenas sair até à embala. Estas prescrições vão enfraquecendo com o tempo.

O Estado, assim se denomina o conjunto do dembo e seus macotas, reúne na embala para discutir as questões políticas da região ou das suas relações com o Governo e povos vizinhos, sempre que assim fôr preciso. Em casos de maior importância, tomam também parte nestas assembleias os sobas e sobetas, bem como os dembos ou sobas aposentados.

O dembo não tem atribuições para tratar ou resolver um assunto qualquer sem que préviamente seja discutido em assembleia.

Como oficiais inferiores, tem os macotas menores, denominados sargentos, por imitação das graduações necessárias na guerra, mas, quando esta se trava, não há direcção superior nem comando, sendo todos, indistintamente, soldados combatentes. Em tempo de paz, servem-se de meirinhos ou oficiais de diligências para intimar qualquer indivíduo a comparecer perante o dembo. Para êsse fim os meirinhos apresentam à pessoa, cuja comparência é intimada, o bastão do dembo, no qual a pessoa intimada ata um laço como sinal de que recebeu a intimação e de que não pode faltar a êsse compromisso.

A aldeia mais próxima da banza principal de toda a região, representada pelos sobas e macotas, costuma reunir-se a esta, afim de impôr uma ordem ou transmitir qualquer resolução às aldeias mais distantes.

O sistema político parece ser uma monarquia absoluta ou despótica, mas electiva. Há formalidades que parecem duma monarquia constitucional, em que todo o poder reside no governo, dependendo do chefe do Estado a sanção ou o véto, mas, do meio da indisciplina política que entre êles reina, deduzem-se dois factos que se contradizem, a saber: os dembos e os sobas são uns déspotas, com poderes discricionários para abusarem dos seus vassallos; porém, estão sujeitos aos seus ministros (macotas), que tanto lhes podem outorgar a auctoridade como retirar-lha. Aparentemente, o dembo é omnipotente, ocupando uma situação superior a todos; intimamente, não passa d'um simples ídolo convencional, o cabeça falante.

Cada dembo tem sob o seu domínio uma ou mais sanzalas, que tem por chefes os sobas, e êstes, segundo a sua importância, teem debaixo de si sanzalas mais pequenas, cujos chefes são denominados sobetas.

Além dos presentes que os dembos exigem aos sobas, seus vassallos, não se cobra outro imposto.

Não há tratados de amizade. Vivem quasi sempre mal uns com os outros; no entanto, é fácil aliarem-se contra o inimigo comum, como por exemplo, os europeus.

As terras de cada dembo são limitadas por linhas de árvores, servindo de marcos, colocados pelas partes.

O dembo de Caculo Cahenda, além das cartas patentes a que já nos referimos, possui arquivados antigos documentos relativos à demarcação dalgumas das suas terras, levada a efeito com a intervenção da autoridade portuguesa.

Não há organização militar. Sendo necessário fazer alguma guerra aos povos dum sobado, esperam-nos emboscados, e, quando êstes passam muito próximo, sôbre êles desfecham à queimadura, atacando de preferência a cauda da fila ou da coluna. Nas grandes lutas há um indivíduo chamado *quilólo*, que vai à frente a sacudir as balas inimigas, e o qual passa por ser invulnerável.

As mulheres não tomam parte nos combates. Os prisioneiros de guerra são vendidos, salvo os sobas, cujas cabeças são decepadas.

Quando ficam vitoriosos, tomam conta da povoação inimiga e das terras adjacentes, colocando aí um soba ou sobeta.

A população inimiga que prestar obediência aos vencedores permanece na povoação.

*

* *

O senhor das terras é o Estado, presidido pelo dembo, que concede todas as licenças que cada um pede para grangear os terrenos baldios que quizer. No Estado há dois indivíduos especialmente considerados donos das terras, e que teem os títulos de *Samba* e de *Itandala*, ou conjuntamente o nome de *Dumbi-Emulumbi* (donos das terras).

Não existe um domínio público. O Estado pode ser possuidor de casas, terras ou animais, que pertencem igualmente a todos os macotas.

Todas as terras são do povo e cada particular pode usufruí-las segundo as suas necessidades. As propriedades são limitadas por sebes ou por outros sinais quaisquer.

Na vida em comum, o homem e a mulher são igualmente proprietários dos objectos que estão em casa; porém, quando se separam, a mulher leva as panelas, a sua quinda, a sua esteira e a sua colhier, ficando o homem com a catana, com os pratos e com o banco. A mulher não pode comprar, nem vender, nem distribuir. É-lhe vedado repartir o pôrco ou a galinha que matam para as refeições da família, sendo o seu papel cosinhar as comidas.

A mulher não pode também ir à mala buscar um pano ou outra cousa qualquer; o marido não lhe confia as chaves das malas: é ele que as abre e vai buscar ou arrecadar o que é necessário.

A mulher escrava só trabalha e come o que lhe distribuem. O marido, às vezes, autoriza à mulher a ter uma galinha, se esta lhe fôr dada pela sua família, afim de ter ovos e criação.

Os bens imobiliários pertencem ao marido, inclusivamente as lavras feitas pela mulher.

O direito de caçar é livre, mas aquele que fizer caça grossa (boi bravo, etc.) e não oferecer ao seu respectivo dembo ou soba a cabeça e a parte trazeira do animal é prêso. Aquele que caçar, por exemplo, uma onça, deve apresentá-la ao dembo ou soba, o qual começa a contar os pêlos do bigode do animal. Se faltar alguns dêstes pêlos, bem como alguma unha, o caçador é prêso, por suspeita de querer fazer feitiçaria com êsses objectos.

Existe o direito de propriedade sôbre achados, devendo, no entanto, ser devolvidos ao dono que prove pertencerem-lhe, sendo prêsos aqueles que procederem de modo contrário.

Fazem comércio de importação e de exportação. Importam fazendas, armas, pólvora, sal e peixe sêco; e exportam feijão e café, que é muito abundante na região.

Os povos pertencentes aos dembados de Caculo Cahenda e Mbula Atumba negoceiam também em gado. A região de Cazuan-gongo é das mais inúteis, comercialmente.

Em S. António de Caculo Cahenda há uma casa comercial de mercearia e permuta com o gentio.

Não há caravanas, nem feiras e cambistas.

As moedas são: uma mulher, *equivalente* a um boi; um boi, que vale 20 a 40 escudos; um pôrco ou carneiro, que vale 3 escudos; fazendas e aguardente, dinheiro em cobre, que contam aos 3 centavos (macuta). Um homem escravo (mulêque) pode também ser permutado, tendo pouco menos valor que a mulher.

Como medidas empregam: um saco ou um cestinhô, uma peça de 8 jardas de fazenda, e a jarda, que medem desde o centro do peito à extremidade da mão, estando o braço estendido horizontalmente.

Quando fazem um contrato qualquer, os contratantes são os que primeiramente emitem a sua opinião, depois são os avós dos contratantes, depois os tios e a seguir os irmãos mais velhos, os irmãos mais novos, os sobrinhos e, por último, os primos.

No caso de herança, os sobrinhos herdram dos tios e vice-versa; não havendo êstes, herdram os membros da família do falecido, do ramo materno.

A mulher, depois da morte do marido, é herdada pelo irmão mais velho do falecido, e se êste não a quizer é o irmão mais novo que com ela fica. Aquele que a recebe paga três peças de fazenda à família da viuva. A êste presente dão o nome de *tabaco*. Julgam que a viuva que se liga a outro homem, sem primeiro passar pelo poder dos cunhados, morre ela e aquele que com ela se casar.

*
* * *

Quando um indivíduo de certo dembado comete um crime, como por exemplo, o de assassinio, e a vítima pertence a dembado diferente, se êsse criminoso não é prêso será amarrada e pagará o crime a primeira pessoa que apanharem do dembado do criminoso.

Andam constantemente em questões os povos dum sobado com os do outro. Muitas vezes lembram-se das questões entre êles suscitadas há muitos anos atrás, e trazem-nas novamente à téla da discussão.

No caso dum crime ou dívida, quem responde primeiro é o criminoso; se êste fugir, prendem o irmão mais novo do criminoso; se também êste não se deixa prender, agarram o pai do criminoso; e se também êste escapar à prisão, prendem um tio; e, finalmente, se êste último também fugir, o julgamento fica pendente até morrer o criminoso e sua família, excepto a mãe que nunca responde pelos crimes por outros praticados.

Como penhor dum dívida, costumam dar um homem, uma mulher, crianças ou quaisquer outros objectos.

Não emprestam valores a juros, mas se o devedor demora a pagar ou não é amigo do crédor, êste exige o pagamento aumentado.

Não teem códigos nem leis que regulem a aplicação de penas. Estas são quasi sempre reguladas pelos crimes, mas aumentam consoante as posses do acusado e do queixoso, pois os juizes (macotas) não teem em vista fazer justiça, mas sim explorar, visto que não vivem doutra coisa senão da exploração dos crimes reais e imaginários. O queixoso, embora tenha razão, se fôr rico, paga também muito para os juizes.

Antigamente, antes da ocupação da região onde habitam êstes povos, existia entre êles a pena de morte por enforcamento; se o delinqüente resistisse, fuzilavam-no. Actualmente, ainda parece existir a mesma pena em lugares não ocupados pelas autoridades.

As restantes penas gentílicas mais graves que ainda hoje existem são: o ser vendido como escravo e o pagamento de bois, porcos, fazendas, café, etc. Emquanto o delinqüente não cumprir a pena, êste fica prêso ao tronco dum árvore.

Existe o instinto de vingança muito pronunciado e com toda a aparência de penas de Talião, mas os juizes (macotas) a isso obstem, porque semelhante prática nada lhes rende, procurando por isso julgar todas as questões.

A família do indivíduo que tenha sido vítima dum assassinio pode exigir do homicida o pagamento que quizer, mas não a morte do criminoso. Na maioria das vezes, exige muitos muléques, que o homicida tem de dar se os possuir; no caso contrário, ficam o criminoso e sua família como muléques.

Ao julgamento dos criminosos, se o crime é grave, quem preside é o respectivo dembo, único que se senta em cadeira; se o crime não é muito grave, preside ao julgamento o *Muene-itan-dala*, e, na sua falta, o *Muene-samba*; e se o crime é insignificante, são os macotas que presidem ao julgamento. Há um secretário do tribunal, que assiste aos julgamentos sentado numa esteira ao lado do dembo, mas que nada resolve nem escreve.

O tribunal é composto pelos *Muene-itandala* (macota-mór), *Muene-samba* e *Muene-massa*, também intitulado *Tala-mujinga*, que fica atrás ou abaixo dos precedentes; e atrás dêste ficam o *Mutor-embaje*, indivíduo encarregado de receber correspondência; o *Muene-lumbo*, *Muene-hapa*, *Muene-seme*, *Muene-dumbe*, *Muene-sanje*, *Muene-cui 1.º*, *Muene-cui 2.º*, *Muene-unho*, *Muene-sonze*, *Muene-cablanga* e muitos outros macotas, como são o *manjor*, o *capitango*,

o *brigadéro*, o *tinenti*, o *califéri*, os *sarigentos*, os *cabos*, o *cornitéro* e o *porta-batuque*.

Os macotas inferiores raras vezes comparecem no tribunal. O julgamento é publico e apenas se vestem melhor o *Dembo*, o *Muene-itandala*, o *Muene-samba* e o *Muene-Gombe*, soba da maior sanzala, que sómente comparece quando se trata do julgamento de crimes gravíssimos. Êste *Muene-Gombe* é considerado irmão do dembo que substitue nos seus impedimentos; pode usar botas, mas, quando está em presença do dembo, descalça-as. O *Caculo Cahenda* é o dembo que tem maior número de macotas.

O réu e o queixoso assistem aos julgamentos sentados no chão, como todos, e ajoelham-se quando o dembo fala. O réu só é prêso depois de condenado. Quando as testemunhas afirmam e o réu nega, êste é submetido à prova de juramento, a que mais atrás já nos referimos.

Se o réu, depois de beber a droga, ficar aflito, e se é acusado de feitiçaria, deixam-no morrer e praticam tudo o que ficou dito quando tratamos dos feitiçeiros; se não é acusado de feitiçaria, dão-lhe um contra-veneno e consideram-no um criminoso vulgar.

O *quimbandeiro* é chamado quando se trata de crimes de pouca importância, o qual aplica ao réu um ferro em brasa. Se na verdade êle fôr culpado, êsse ferro queima-o; no caso contrário é considerado inocente. Antes de applicarem ao corpo do réu o ferro em brasa, afim de conhecerem o grau da queimadura que êle pode produzir, fazem a experiência tocando uma pena de galinha com o ferro.

Ê permitido indemnizar o prejuizo do crime, mas não dispensam as formalidades do julgamento, afim de os juizes não perderem as custas.

Os macotas, ouvindo as partes e testemunhas, discutem a causa, seguidamente conferenciam com o dembo, que está sen-

tado a distância, depois escutam a opinião do *Muene-itandala* e do *Muene-samba* e tornam a conferenciar com o dembo, que profere finalmente a sentença.

Êstes povos não assimilam por enquanto uma civilização superior, mas teem consideração pelo indígena civilizado.

1918.